

## 21

## Retorno ao passado

As advertências de Ribas e a presença de Evelina, a curta distância, foram argumentos que constrangeram Fantini a revigorar no autocontrole.

Finda a longa crise de lágrimas, ante a surpresa que situava a senhora Serpa, em nova posição, no mundo de sua alma, reconhecia-se outro. Sofrera modificações nos mais recônditos mecanismos da mente. A exposição de Desidério, franca e livre, sacudindo-o para reconhecer a extensão de suas próprias fraquezas, abatera-lhe o orgulho; no entanto, clareava-lhe as entranhas do coração para buscar vida nova. Não obstante algo atordoado, soergueu-se do chão e arrastou-se até ao local em que a moça o esperava.

Entretinha-se Evelina em amistosa conversação com desencarnados doentes, que visitavam o sítio, sob a vigilância de enfermeiros atentos, em busca das emanções nutrientes do mar. Avistando, porém, o amigo que se aproximava, cambaleante, pôs-se-lhe correndo ao encontro.

— Oh! Ernesto, porque fatigado assim? — exclamou inquieta, ao mesmo tempo que o auxiliava a sentar-se na areia.

Ele não relutou em recolher-lhe o apoio e, tão logo a viu acomodar-se rente, colocou a cabeça entre as mãos, num gesto de quem sentia dificuldade para carregar o pensamento em fogo e tartamudeou, chorando:

— Ah! Evelina, Evelina!... Concordo agora em que somos dos mortos que não tiveram as orações dos vivos... Ai de mim!... Os corações que eu mais amava se fecharam para sempre com a pedra que decerto me selou os restos físicos... Torno de minha casa, como um réprobo!... Oh! meu Deus!... meu Deus!...

Empenhou-se a companheira a reconfortá-lo, relembrando a sua própria experiência de horas antes, mas o desolado amigo contraditou em profundo abatimento:

— Não, não!... Você foi vítima de ingratidão, ao passo que recebi a condenação que mereci... Você ganhou o insulto, a mim coube o castigo!...

Ernesto ansiava rebentar-se em notícias do sucedido, confiar-lhe as revelações que passara a senheorar; todavia, escasseavam-lhe as forças. Apenas o pranto a deslizar-lhe em ondas...

Em poucos momentos, no entanto, a perplexidade e a aflição de ambos se viram atenuadas com a vinda do carro voador, que se transportara da Via Anchieta à Praia do Mar Casado (1), onde se achavam, a fim de conduzi-los a São Paulo.

Ribas escutara as súplicas do pupilo torturado e expedira ordens de caráter urgente para que os dois tutelados do Instituto de Proteção obtivessem imediata cobertura.

Evelina escorou o companheiro e instalou-o no veículo que se alçou a grande altura. Por mais tentasse palestra, não colhia dele senão monossílabos. Fantini silenciara, evidenciando, porém, através do olhar triste e esgazeado, o vulcão de sentimentos contraditórios que lhe explodia no peito.

Alguns minutos de voo e, atendendo-se a instruções de Ribas, foram os dois viajores internados, em

(1) Praia do Guarujá. — Nota do autor espiritual.



departamento de repouso de uma das casas espíritas cristãs, que honorificam a vida paulistana, onde Ernesto começou a receber os cuidados precisos, a fim de desvencilhar-se do trauma de que fora acometido.

Convenientemente amparado, através de recursos magnéticos, em círculo de oração, acalmou-se para refazimento, sob a assistência da companheira e, então, rearmonizadas as energias, perguntou ele à amiga, com inflexão de infinita amargura:

— Evelina, seu pai tinha o nome de Desidério dos Santos e seu padraсто é Amâncio Terra?

— Sim. Meu nome inteiro é Evelina dos Santos Serpa.

Ernesto não vacilou. Compreendeu que devia à jovem senhora uma confissão integral da própria vida e transferiu-se da ideia à ação, começando pelas memórias do casamento com Elisa. E, à frente do espanto da companheira, embora pinceladas a traços ligeiros, as cenas do pretérito se desdobraram, uma por uma... A aproximação com Desidério desde a meninice; o conhecimento superficial com Brígida, com quem se avistara poucas vezes; a amizade com Amâncio, que sempre teimara em se conservar solteiro; as visitas frequentes de Desidério ao seu lar, que ele, Fantini, não retribuía; a atração que ele exercia sobre Elisa, a esposa que amara ardentemente; os ciúmes com que os via se abeirarem um do outro; o plano de liquidar o amigo a quem passara a detestar; o despeito silencioso que lhe envenenara os sentimentos; a caçada funesta, o tiro intencional que disparara e as outras detonações que ouvira; a morte de Dedé e os remorsos da existência inteira... E, por fim, descreveu, passo a passo, as ocorrências do retorno ao lar, desde o instante em que registara as afrontas da esposa obsessa até a última declaração de Desidério, que o deixara aniquilado...

Evelina vasculhava inutilmente a cabeça, procurando

do expressões que lhe patenteassem o assombro. Não que a narrativa a afastasse do amigo a quem consagrava respeitoso e enternecido amor. Estranhava, sim, o drama complexo de que eram protagonistas sem saber. Surpreendia-se com os meandros da peça que o grupo representava. A par disso, acusava-se absorvida por extremada compaixão, perante os conflitos íntimos de todos os seus aliados de tragédia familiar, sentindo-se, aliás, dentre eles, a menos atingida pela dor.

Contemplou Ernesto e chorou...

Ao vê-la em silêncio, curtindo dignamente as dolorosas impressões que lhe azorragavam a alma, inquietou ele, ansioso:

— Você também me acusa?

— Oh! Ernesto, estimamo-nos sempre mais... Sou eu, sua irmã, quem lhe pede perdão por meu pai que tomou sua casa, indevidamente...

E Fantini mais comovido:

— Não, ele nada furtou... Protegeu a mulher e a filha que desprezei... E se falamos de escusas, sou eu quem roga tolerância para minha filha que se lhe apossou do marido...

— Não, não!... — foi a vez da interlocutora justificar a jovem — estou compreendendo que Vera chegou ao meu caminho por benfeitora, ela propiciou a Caio a segurança que não lhe pude dar...

— Evelina — acentuou o companheiro um tanto aliviado —, tenho hoje a ideia de que só pela vida, depois da morte, logramos desmanchar os enganos terríveis que acalentamos na vida terrestre.

Ela aprovou e mantiveram-se em doce *tête-à-tête*, quando, por fim, Ernesto conseguiu conciliar o sono, dando-lhe oportunidade para retirar-se para ligeiro descanso.

Amanhecia...



No horário estabelecido para a volta, o veículo recolheu-os para o retorno.

A senhora Serpa ardia em desejos de rever o pai; no entanto, o amigo julgava prudente não viesse a fazê-lo sem maior preparação. Ambos se reconheciam melhorados, quase refeitos, tanto assim que em viagem, qual ocorria com o demais passageiros, debatiam temas fundamentais da existência, quais sejam o amor, a reencarnação, o lar, o imperativo do sofrimento...

Reinstalados na estância em que se domiciliavam, continuaram sonhando o futuro. Juntos conversavam. Juntos planeavam.

Não seria mais que desejável o renascimento de Túlio, entre Caio e Vera, cujo matrimônio lhes competia favorecer? Generosa, lembrava-se Evelina do pai sofredor e acentuava que, se pudesse e se as circunstâncias permitissem, estimaria trabalhar igualmente para que o genitor revoltado aceitasse a reencarnação, a fim de esquecer, esquecer...

Ela e Fantini maravilhavam-se agora de como queriam tempo e mais tempo para os entes amados no mundo. Orariam por eles. Suplicariam a Deus lhes prolongasse a existência no mundo físico, no interesse da equipe familiar e deles mesmos. A senhora Serpa já imaginava contemplar Mancini, no ambiente de Caio, para que se reconcilhassem, e Ernesto concordava em que se fazia mister analisar a conveniência de uma aproximação, entre Amâncio e Desidério, a fim de que lhes fosse concedido transfigurar aversão em simpatia e discórdia em união. Sonhavam, sonhavam.

Decorridos dez dias sobre o primeiro regresso a São Paulo, quando ambos já se admitiam plenamente refeitos, solicitaram audiência com Ribas, de modo a expor-lhe as ideias novas e comentar os acontecimentos havidos.

O mentor acolheu-os com a lhanza de hábito, ouviu-lhes atenciosamente os projetos; entretanto, com sur-

presa para os dois visitantes, sintetizou as respostas que ambos preferiam fossem mais longas:

— Meus caros, quando as súplicas de nosso Fantini chegaram até nós, não somente promovemos o socorro preciso como também solicitamos anotações de todos os eventos familiares de que se vêem partícipes. Sabemos agora, em documentação adequada, tudo aquilo de que se informaram. Quanto aos nossos deveres de ordem moral, já nos entendemos aqui suficientemente em dilatadas entrevistas. Orientação, possuímos. Como é fácil de entender, alcançamos a faixa da ação plena no trabalho espiritual, que vocês, aliás, reclamaram, por reiteradas vezes.

— Será justo continuar agindo, em favor dos nossos? — indagou Ernesto, no sincero propósito de acertar.

— Obrigação, meu amigo, isto é nossa obrigação — declarou Ribas —, os que conhecem precisam auxiliar os que ignoram e não apenas auxiliar simplesmente, mas auxiliar com muito amor.

— Acaso, ser-nos-á lícito mentalizar reencarnações para Mancini e meu pai, em futuro próximo? — abalçou-se a dizer Evelina, tímida.

— Como não, minha filha? para isso, contudo, é indispensável estabelecer dados concretos com planejamento exato. Sem dúvida, somos uma família só, perante a Divina Providência, e estamos todos interligados, com o dever da assistência mútua. A evolução é a nossa lenta caminhada de retorno para Deus. Os que mais amem vão à frente, traçando caminho aos seus irmãos.

— Estimariamos alguma indicação, algum conselho para começar — aventou Fantini, evidenciando a preocupação de quem não desejava ser importuno.

O orientador resumiu:

— Estamos com esclarecimentos de dez dias passados. Enviarei observador imparcial ainda hoje a São Paulo, para conhecer as condições gerais dos irmãos im-



plicados no assunto, ao passo que vocês dois, amanhã mesmo, poderão visitar o sul paulista, buscando o necessário contacto com os familiares que ainda não puderam rever. De volta, amanhã à noite, entraremos em estudos produtivos, de vez que disporemos de elementos esclarecedores, atuais e corretos.

O entendimento foi encerrado.

No dia seguinte, em condução regular da cidade espiritual para o mundo físico, os dois amigos atingiram a cidade, em cujos arredores Amâncio edificara o ninho doméstico.

Seguida por aquele que se lhe fizera irmão e benfeitor inseparável, Evelina transpôs os umbrais da antiga residência.

E foi um doce voltar aos dias da meninice... Parecia-lhe estar regressando sequiosa de afeto ao domicílio solarengo, como nos tempos da juventude, quando se lhe abriam as férias escolares. Além, o pomar farto; aqui, a porteira vestida de trepadeiras silvestres... Mais alguns passos, o pátio enorme, espalhando-se na direção dos largos terreiros de tratamento do café... Apoiando-se no braço do amigo, a moça caminhou até à porta de entrada, sob o império das reminiscências que lhe senho-reavam a alma... Atravessou-a com o enternecimento de quem penetra um local profundamente sagrado ao coração... O mesmo ambiente revestido de paz; a sala de visitas com o velho mobiliário que lhe falava tão alto à lembrança; o relógio de parede que a genitora se orgulhava de haver recebido dos avós; os tapetes em peles dos bracaías que Amâncio abatera, nos seus áureos tempos de caçador, quando de várias incursões em Mato Grosso; o lustre de cinco lâmpadas a penderem do teto e o piano em que tantas vezes acompanhara, extasiada, os ágeis dedos maternos, nas interpretações de Chopin...

Uma surpresa banhou-a de júbilo. Na parte superior do instrumento, ao lado de esquecidas composi-

ções musiciais, jazia uma foto que a retratava na juventude e, junto a essa recordação de família, uma rosa desbotada lhe comunicava a ternura materna.

A moça correu para a varanda lateral, em que Amâncio e a esposa costumavam descansar, após as refeições, e ali os encontrou em serena palestra, cada qual em sua poltrona. Então, dominada por indizível emoção, ajoelhou-se diante da genitora, em cujo rosto descobria mais rugas emolduradas por mais amplas faixas de cabelos brancos, e depondo a cabeça em seus joelhos, chorou convulsivamente como o fazia nas contrariedades e caprichos da infância.

Dona Brígida não lhe registou a presença, em sentido direto; entretanto, parou o olhar cismarento no arvoredor próximo, sentindo, de súbito, intraduzíveis saudades da filha. Represaram-se-lhe lágrimas que não chegavam a cair... «Que vontade de rever minha querida Evelina!...» E esta, que lhe captava os pensamentos, respondia: «Mamãe! Mãezinha, eu estou aqui!...»

Escoados alguns minutos de silêncio, o dono da casa, que ainda se achava sob a curiosa observação de Ernesto a examinar nele os estragos do tempo, endereçou expressivo olhar à companheira e indagou:

— Porque parou a conversa, meu bem? pensando em quê?...

Carregava-se-lhe a voz da gentileza característica do homem que não se permite deteriorar a devoção pela mulher depois do casamento, surpreendendo Fantini pela delicadeza com que se vazava.

— Não sei explicar, Amâncio — anotou Brígida —, mas venho sentindo imensas saudades de nossa filha... Dois anos de ausência...

E mais concentrada:

— Porque haveria de partir, assim tão cedo?!...

— Tolinha! — objetou o marido com admirável des-



velo — o irremediável pede esquecimento, o passado não volta...

— Creio, porém, que haverá outra vida, na qual se encontrarão os que muito se amaram neste mundo...

— Os filósofos dizem isso, mas os homens práticos afirmam, e com razão, que nada se conhece dos finados, além da certidão de óbito...

Nesse momento, Ernesto tateou-lhe a cabeça com uma das mãos, como a pesquisar-lhe as elucubrações imanifestas, e identificou-lhe cravadas na memória as cenas vivas do assassinio de Desidério, profundamente bloqueadas nos escaninhos da mente; no entanto, algo lhe dizia no íntimo que lhe não era lícito convocar o espírito do companheiro a qualquer estado negativo, absolutamente inútil, quando tudo lhe fazia crer que Amâncio se transformara num esteio de trabalho respeitável para famílias numerosas.

Via-o, ali, não somente devotado e terno para com a mulher que lhe fora vítima, porquanto era fácil adivinhar-lhe igualmente a condição de administrador estimado e digno, através dos empregados tranquilos e felizes que se lhe aglomeravam, em derredor da casa.

Além disso, pensava, porque haveria de acusá-lo, se ele, Ernesto, apenas não exterminara Desidério por falta de pontaria? Perante Deus e a própria consciência não seria tão criminoso quanto o amigo que tivera a infelicidade de atingir o alvo?

Semelhantes reflexões escaldavam-lhe a cabeça, quando escutou Evelina que se queixava, em pranto, para o coração materno:

— Oh! Mãezinha, sei agora que meu pai erra nas sombras da alma!... Transformou-se num Espírito empedernido no ódio... Que poderemos fazer nós duas para ajudá-lo?

Até aí, a mente de Brígida, fundamente distanciada de qualquer preocupação com o primeiro esposo, nada

pôde registrar em sentido direto, senão doloroso e vago impulso de retorno ao passado, sem permitir que a imagem de Desidério se lhe imiscuisse na lembrança, mas a filha insistiu:

— Auxilie, Mãezinha, auxilie meu pai para que volte à vida terrestre!... Quem sabe? A senhora e meu pai Amâncio vivem quase sós nesta casa!... Um menino! um filho do coração!...

Nesse trecho da súplica filial, a genitora deixou-se empolgar pela ideia de que estavam, ela e o segundo esposo, envelhecendo no corpo físico, sem qualquer descendente, e que uma criança perfilhada por eles seria talvez um apoio para o futuro.

Ao contacto das palavras de Evelina, cresceram-lhe os pensamentos nessa direção e passou a refletir, refletir... Um menino!... Alguém que lhes povoasse a existência de esperanças novas, alguém que lhes continuasse a sustentação dos ideais de trabalho naquele diminuto recanto de solo!...

Movida pelo entusiasmo da filha que lhe assimilava os pensamentos de adesão ao tema fundamental da mensagem de alma para alma, Brígida sondou o companheiro:

— Amâncio, muitas vezes penso em nossa velhice solitária, com tantas possibilidades em mão... Não concordaria você em que tomássemos um garoto para ser o filho que não temos?

— Que ideia! Em nossa idade?

— Não somos tão velhos...

— Ora, Brígida, era o que faltava! Você não acha esquisito terminarmos a vida fazendo mamadeira para criança?

— E se for o contrário? Deus poderá conceder-nos dilatado tempo ainda na Terra... E se deixássemos aqui um bravo rapaz, que nos administrasse a fazenda, dando continuidade à nossa organização?



— Não tenho o seu otimismo — apontou o marido, com generosidade e carinho a lhe transbordaram da voz —, mas sempre admirei os seus caprichos. Não me oponho aos seus desejos, mas exijo que seja um homenzinho, que venha para cá ao nascer, sem que os pais nos incomodem e que chore pouco... Tudo isso, desde que você nada reclame da trabalhadeira...

— Oh!... Amâncio, que alegria!...

Ante o júbilo da esposa que se transfigurara, feliz, o interlocutor sentiu misteriosa ventura acariciando-lhe as entranhas do ser. Levantara-se Evelina e avançara para ele, osculando-lhe os cabelos agrisalhadados, ao mesmo tempo em que lhe estendia a destra sobre o tórax, qual se lhe afagasse o coração.



## Bases de novo porvir

No dia imediato, a conferência com Ribas.

Ernesto e Evelina confiaram-lhe sucinto relatório da visita realizada na véspera, a que o mentor deu ouvidos atentos.

Esmerando-se no aproveitamento das horas, o sábio amigo requisitou um grupo de fichas, alinhadas em arquivo próximo, e iniciou o trabalho mais importante da entrevista, analisando a situação de Túlio Mancini. Considerou que o jovem realmente evidenciava reduzido progresso; entretanto, isso não invalidava o compromisso da senhora Serpa, cujo auxílio junto dele não devia esmorecer, organizando-se-lhe o renascimento próximo.

Estabelecendo bases para o futuro, ele, Ribas, traçara um programa de ação imediata e mais claramente definida para os dois amigos, em cujo desempenho se lhes aplicassem as forças com a eficiência precisa. Evelina permaneceria, a sós, ao pé de Mancini, continuando a presidir-lhe, quanto possível, a renovação mental, ao passo que Ernesto se encaminharia diariamente ao plano físico, de maneira a colaborar, no limite de seus recursos, a benefício de Desidério e de Elisa, carecedores de urgente socorro fraternal.

Entendera-se com diversos diretores de serviço, domiciliados em Esferas Superiores, e granjeara autoridade suficiente para funcionar na solução dos proble-